

Opinião Econômica

Mauro Zafalon

Formado em jornalismo e ciências sociais, com MBA em derivativos na USP

banrisul

Geopolítica exige novas interpretações do agro

Produção de alimentos está no centro de disputas e alianças estratégicas globais

Em um momento de reconfiguração da ordem internacional, qual o papel do agronegócio brasileiro nas relações diplomáticas e comerciais globais? Representantes do agronegócio, do mundo jurídico e da política se reuniram na segunda-feira, em São Paulo, em um encontro realizado pelo escritório Modesto Carvalhosa, Kuyven e Ronco Advogados, para discutir o assunto.

O campo de reflexão nesse tema de geopolítica e agronegócio é vasto, podendo abranger os graves aspectos da crise atual, devido à disrupção do multilateralismo, disse o advogado Modesto Carvalhosa. Entre as várias questões que incorporam o assunto, o con-

flito no Oriente Médio dominou boa parte das discussões.

A senadora e ex-ministra da Agricultura Teresa Cristina afirmou que a agricultura e a produção de alimentos deixaram de ocupar um lugar periférico na política internacional. “Hoje, elas estão no centro das disputas e alianças estratégicas globais. Durante décadas, fomos educados a pensar o comércio agrícola como um espaço regido essencialmente pela lógica econômica, produtividade, vantagens comparativas, eficiência logística e preços.”

Essa visão já não é mais suficiente para explicar o mundo em que estamos inseridos, afirmou. A geopolítica voltou, e hoje as de-

cisões sobre quem produz, quem exporta, quem compra e em quais condições são, cada vez mais, influenciadas por considerações de segurança nacional, estabilidade política, alinhamentos estratégicos e disputas de poder.

O alimento, diz, tornou-se ativo sensível e, em muitos casos, instrumento de pressão, de barganha e até de coerção. É nesse cenário mais incerto, mais competitivo e menos previsível que o agronegócio assume nova centralidade. Energia e alimento deixam de ser apenas mercadorias e passam a ser cada vez mais fundamentos de poder. Ela diz que a leitura do cenário internacional precisa ser vista de um conjunto de diretri-

zes interconectadas, que vão de reinterpretar o multilateralismo a compreender a reduzir a vulnerabilidade de insumos estratégicos.

A dependência brasileira de fertilizantes, principalmente diante da guerra do Oriente Médio, esteve presente na avaliação dos demais participantes. Plínio Nastari da Datagro destacou a importância de Omã e do Qatar no fornecimento de ureia para o Brasil. Juntos, representam 35,4% das importações brasileiras. Nastari destacou, no entanto, a importância que a energia renovável vinda do campo está propiciando ao sistema energético brasileiro nas últimas décadas. Em alguns estados, como Mato Grosso, o etanol já

substitui 67% da gasolina.

Teresa Cristina diz que o país não precisa chegar a 100% do fornecimento nacional de fertilizantes, mas tem de haver uma margem de segurança. Há uma falta de prioridade, e o Executivo tem de dar o pontapé inicial. A sociedade e a iniciativa privada vêm depois.

Gustavo Spadotti, chefe-geral da Embrapa Territorial, não tem esperanças de fim rápido da guerra. Os EUA não estão entre os principais destinos do petróleo que passa pelo estreito de Hormuz, são grandes produtores e conseguem preços baixos na Venezuela.

Quanto aos fertilizantes, já foi debatido um Plano Nacional de Fertilizantes e se sabe o que precisa ser feito. Falta uma coordenação mais azeitada, principalmente dentro do Executivo, afirma Spadotti.

Crédito ágil para o seu negócio.

Banrisul Giro Digital

é a linha de crédito ideal para necessidades de caixa, investimentos e melhorias no seu negócio.

Acesse e saiba mais >



banrisul
empresas

Supermercadistas revisam abertura de novas lojas e sinalizam dificuldades de grandes redes

/ MINUTO VAREJO

Patrícia Comunello

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

Ajustar operações para o tamanho da demanda, com endividamento recorde das famílias, revisar planos de novas lojas e ir ao mercado comprar unidades de concorrentes. O tom que domina os maiores supermercadistas gaúchos é também de ‘cuidar da casa’ em 2026, apurou a coluna Minuto Varejo com as principais redes que lideram o Ranking da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas) com base em dados de 2025. A entidade reforça que a largada do ano veio com baixo crescimento, mas projeta recuperação nos últimos dois quadrimestres.

As análises foram levantadas em meio ao evento de homenagem aos destaques do ranking, na quarta-feira no Grêmio Náutico União, com as 10 maiores redes em faturamento e outras bandeiras que entregaram melhor desempenho,

como a maior evolução do faturamento em diferentes faixas de tamanho das operações, das menores às maiores. Os supermercados cresceram 8,3% nominais, com receita de R\$ 75,6 bilhões no ano passado. A alta real foi de 4,12%, menor elevação em sete anos.

Na lista das 10, a Companhia Zaffari, do Grupo Zaffari, renovou a primeira posição. No grupo, duas novidades: a quarta posição aparece o grupo Andreazza, de Caxias

do Sul, que não figurava na lista por não repassar dados, e o grupo catarinense Passarela, que destacou a receita com unidades gaúchas e entrou pela primeira vez na classificação e na oitava posição.

“Passamos um 2025 difícil, com mais endividamento e impacto das bets (aposta online). O primeiro quadrimestre provavelmente não será bom (crescimento baixo) e a tendência é ter o segundo e terceiro quadrimestres

melhores”, disse o presidente da Agas, Lindonor Peruzzo Junior.

O elevado comprometimento da renda com contas, com atrasos que beiram 40% das pessoas acima de 18 anos no RS, e custo do dinheiro estão na mira. Peruzzo Jr diz que o problema bateu à porta das redes também porque os funcionários estão com dificuldades. “Empresas estão buscando parceiros para empregados renegociarem consignados e sair de taxas de mais de 15% ao mês.”

Há uma preocupação com endividamento de redes e como manter o tamanho ante uma renda mais disputada, muito pela proliferação de atacarejos e plataformas online disputando cada vez mais a venda de itens clássicos do varejo de autosserviço, de alimentos à higiene e limpeza. Peruzzo mantém a projeção de abertura de mais de 100 novas unidades em 2026.

“É o ano mais ácido para o comércio”, define Fabiano Pivotto, CEO do Imec, dono do Desco, quinto no ranking. O grupo fez

10 maiores grupos do Rio Grande do Sul

Companhia Zaffari (Porto Alegre): R\$ 8.830.000.000,00 (41 lojas)

Comercial Zaffari (Passo Fundo): R\$ 6.840.608.187,10 (53 lojas)

Unidasul (Esteio): R\$ 3.115.376.539,75 (45 lojas)

Andreazza (Caxias do Sul): R\$ 2.055.000.000,00 (48 lojas)

Imec (Lajeado): R\$ 1.799.779.160,00 (32 lojas)

Asun (Gravataí): R\$ 1.570.937.517,00 (40 lojas)

Master ATS Supermercados (Erechim): R\$ 1.492.524.570,00 (19 lojas)

Passarela (Concórdia/SC): R\$ 1.471.251.809,10 (12 lojas)

Peruzzo (Bagé): R\$ 1.353.672.717,77 (28 lojas)

Libraga (Santa Maria): R\$ 1.320.526.208,00 (49 lojas)

uma “pausa estratégica na expansão”. O foco será em “consolidar o que o grupo tem”. Sérgio Zaffari, presidente da Comercial Zaffari, dona do Stok Center, pisou no freio da expansão de unidades. “Diminuimos o ritmo, vamos abrir seis e provavelmente cinco em 2027.”



Redes com melhor desempenho foram homenageadas no evento